

A perspectiva gramsciana na educação analisada sob a ótica de vida e obra de Gramsci

ALMEIDA, Wendel Rodrigo de¹

BERNINI, Rosa Maria Ribeiro²

ALMEIDA, Wesley Sebastião de³

PEREIRA, Winícius⁴

DEUS, Fábio Gonçalves de⁵

Resumo: Este artigo aborda a perspectiva *gramsciana* na educação analisada sob a ótica de vida e obra de Antonio Francesco Gramsci, o filósofo que tanto inspira correntes e influencia o Brasil. Autor de uma vasta obra cronologicamente dividida em antes e depois de sua prisão, imortalizou seu sentimento nacionalista italiano, bem como sua ideologia complexa nas áreas da educação e da teoria crítica e social, fortemente ligado à criação da hegemonia cultural e do historicismo absoluto, incentivador da concepção marxista de Estado e da distinção entre sociedade política e sociedade civil, das críticas do determinismo econômico e do materialismo filosófico e autor da análise do americanismo e do fordismo. Aquele que, em plena ascensão do movimento industrial na Europa, polemicamente afirmou que “Todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais.” (GRAMSCI, 1982, p. 7).

¹ Mestre em educação, pela Universidade de Uberaba, Pós-graduado em Psicologia Organizacional pela Universidade de Franca, em Gerenciamento de Micro e Pequenas Empresas, pela Universidade Federal de Lavras, em Orientação Vocacional e Profissional e, em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Mantense dos Vales Gerais e em Ciências Econômicas pela Universidade de Uberaba.

² Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela UFF – Universidade Federal Fluminense, em Design Instrucional para EaD Virtual; História do Brasil Republicano, Supervisão e Inspeção Escolar; Pedagogia.

³ Graduado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade & Propaganda pela Universidade de Uberaba, pós-graduado em Marketing pela Faculdade de Ciências Econômicas do Triângulo Mineiro e Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba.

⁴ Cientista da Computação graduado em 2001 pelo Centro Universitário do Triângulo. Mestre em Ciências da Computação pela Universidade Federal de Uberlândia (2011). Concluiu as especializações em Banco de Dados (2005) pelo Centro Universitário do Triângulo e Docência Universitária (2016) pelo Centro Universitário do Planalto de Araxá. É ainda, aluno do programa de pós-graduação em Planejamento, Implementação e Gestão da EaD na Universidade Federal Fluminense.

⁵ Graduado em Pedagogia pela Universidade de Uberaba (2011) e Letras - Português/Inglês pelo Centro Universitário do Planalto de Araxá (2002).

Palavras chave: Hegemonia cultural; Historicismo absoluto; Sociedade política; Sociedade civil; Determinismo econômico; Materialismo filosófico; Americanismo; Fordismo.

Abstract: This article deals with the Gramscian perspective on education analyzed from the point of view of the life and work of Antonio Francesco Gramsci, the philosopher who both inspires currents and influences Brazil. Author of a vast work chronologically divided before and after his arrest, he immortalized his Italian nationalist sentiment as well as his complex ideology in the areas of education, critical and social theory, strongly linked to the creation of cultural hegemony and absolute historicism, the Marxist conception of the State, and the distinction between political society and civil society, the critiques of economic determinism and philosophical materialism, and the author of the analysis of Americanism and Fordism. He who, at the height of the industrial movement in Europe, argued polemically that “All men are intellectuals, one might say: but not all men play in society the function of intellectuals.” (GRAMSCI, 1982, p. 7).

Keywords: Cultural hegemony; Absolute historicism; Political society; Civil society; Economic determinism; Philosophical materialism; Americanism; Fordism.

1. Um breve olhar sobre a vida e obra de Gramsci

Antonio Francesco Gramsci, filósofo marxista nascido no final do século XIX, na Itália, foi também jornalista e crítico literário, chegando a atuar, inclusive, na política italiana.

Inicialmente, escreveu sobre sociologia, antropologia e linguística, mas foi a partir de seus tratados sobre teoria política que ganhou destaque e notoriedade no país, tornando-se, a partir daí, membro-fundador e secretário geral do Partido Comunista da Itália (PCI) e, antes de ser preso, foi eleito deputado.

Um dos mais importantes pensadores comunistas, desde criança era bastante franzino, consequência de uma grave deficiência física da qual foi vítima que acabou por limitar seu crescimento.

Nasceu em uma das regiões mais pobres da Itália em 1891 e era o quarto filho de uma família numerosa cujos recursos financeiros eram bastante escassos, fato que se acentuou principalmente após a prisão do pai, em 1900, acusado de peculato, concussão e falsidade ideológica, praticados no cartório local onde trabalhava como gerente.

Na época, então com 9 anos, Gramsci ajudava a mãe nos afazeres domésticos e também a cuidar dos 3 irmãos mais novos. Essa fase foi apenas um “estágio probatório”, pois, mais tarde teria que aprender a dividir seu tempo como funcionário de uma repartição pública cuja carga horária chegava até dez horas diárias e os estudos, desde cedo mostrando-se bastante aplicado, curioso e determinado.

Mesmo vivendo sob condições miseráveis, Gramsci destacou-se nos estudos, tendo sido recompensado várias vezes através do recebimento de prêmios em reconhecimento pelos seus esforços acadêmicos, postura que lhe rendeu uma bolsa escolar que possibilitou que ele estudasse literatura na Universidade de Turim, uma das mais conceituadas e disputadas universidades do mundo.

Neste momento, Turim, até então a capital da Itália, passava por grandes transformações econômicas e políticas, elevando-se à segunda cidade industrial daquele país, consequência do processo da franca industrialização europeia. Não alheio a tão importante movimento, logo viu-se frequentador dos círculos socialistas, envolvendo-se com eruditos, políticos, escolásticos e pensadores deste movimento, ampliando a visão de mundo do jovem migrante da área rural da região da Sardenha.

Na época, para conseguir manter-se sem abrir mão de seus ideais sociais, tornou-se jornalista. Essa nova profissão, aliada ao estilo de vida que levava, mantido por suas parcas condições financeiras e respectivos ideais reformistas, o incentivou a filiar-se ao Partido Socialista Italiano (PSI), em 1913.

O jovem editor, que escrevia basicamente para os jornais de esquerda, começa então a destacar-se no cenário caótico de mobilizações e frentes para mudança. Suas fortes convicções políticas, no entanto, o levaram a desligar-se do partido em 1919. É nessa época que auxilia na fundação do Partido Comunista Italiano (PCI), dois anos após seu desligamento do PSI.

Aos 31 anos, na Rússia, em uma viagem como representante do Partido Comunista Italiano (PCI), conhece sua esposa, mãe dos dois filhos que viria a ter.

Dois anos depois de já militante no comunismo e com o fascismo batendo à porta da Itália, é eleito deputado e lança o jornal oficial do partido, denominado *L'Unità*.

Em seu segundo ano de mandato, após intensas manobras políticas efetuadas por Stalin, Gramsci entra em conflito com o partido ao qual recém se desligara por deplorar erros políticos da oposição de esquerda. Isto o faria ser preso em 1926, mesmo estando sob imunidade parlamentar.

Durante o período de reclusão, passou por diversas prisões italianas, locais em que escreveu as suas famosas “Cartas do Cárcere” e “Cadernos do Cárcere”. Devido a complicações de saúde, oito anos depois, recebe sua liberdade condicional, morrendo em Roma apenas alguns anos após ser libertado, então com 46 anos.

Tal trajetória traria à luz uma das mais fortes influências políticas de que se tem notícia, talhada sob o cunho do nacionalismo italiano, além de valiosas ideias sobre teoria crítica e pesquisas no campo educacional, compiladas em sua obra, que pode ser dividida, basicamente, em *antes* e *depois* de sua reclusão pela ditadura fascista italiana.

2. Gramsci e sua obra no Brasil

Foi por volta dos anos sessenta que a obra gramsciana chegou ao Brasil onde foi traduzida e publicada, porém sem configurar sucesso de edição. Contudo, em meados dos anos 70, a procura por sua produção foi intensificada e a obra de Antônio Gramsci passou a ter notoriedade, bem como sua leitura passou a ser obrigatória nos cursos da área de ciências humanas.

A partir daí o pensamento gramsciano passou a influenciar a educação no Brasil e a presença de sua herança, no debate acadêmico, na década de oitenta,

teve um destaque acentuado, tanto é que Nogueira chegou a afirmar que o “gramscismo veio à luz do dia com a força de um vulcão. Todos, de uma ou outra forma, tornaram-se ‘gramscianos’” (NOGUEIRA, 1988, p.130).

A conjuntura sócio-política do Brasil, dos anos setenta e oitenta, foi terreno propício para as ideias gramscianas.

Vale inferir que:

os textos carcerários, escritos em letra redonda em 33 cadernos escolares, foram posteriormente reunidos e fizeram a fama póstuma do comunista italiano que surgiu para a Itália e depois para o mundo como um pensador original e antidogmático por excelência, edificador de uma série de conceitos que em muito enriqueceu a teoria marxista ou, como preferia, a filosofia da práxis. (LOMBARDI; MAGALHÃES; SANTOS, 2013, p. 20)

Alguns estudos inspirados nas obras de Gramsci favoreceram a disseminação de um tipo de leitura de sua concepção pedagógica, que persuadiu e permanece persuadindo vertentes de resistência aos preceitos governamentais, instituídos nos anos 80, em relação à reformulação da escola média e da educação profissional. Todavia essa influência não levou ao desenvolvimento do conceito gramsciano de escola unitária, mas, sim, prejudicou a sua compreensão e, do mesmo modo, a capacidade de mostrar, hoje, conteúdos e métodos capazes de construí-lo.

Segundo Vieira (1993), no Brasil, a pesquisa em educação se apreendeu do pensamento de Gramsci, deixando de lado a visão historicista, o que culminou em uma interpretação subjetiva e artificial de seus conceitos e teorias, uma vez que considerou-se apenas a estrutura lógica do sistema teórico, ainda segundo o autor, “tomando as categorias nas suas expressões lógico-abstratas como se essas contivessem em si a chave explicativa de toda a história.”

Ainda segundo o mesmo autor, “a ausência de contextualização abre espaço para todo tipo de ‘instrumentalização’ do seu pensamento e da sua imagem, criando, assim, o Gramsci que se quer ou aquele que se precisa.” (1999, p.55).

É interessante perceber que esse ápice gramsciano não foi característico apenas no Brasil. Grisoni, na apresentação especial para a revista *Les Temps Modernes*, inicia inferindo que a esquerda francesa descobriu com Gramsci um novo realismo político e um tipo de consenso pairou em torno dele que o fez aparecer sob os traços de um ‘profeta’, cujas hipóteses como a estratégia política, contidas em seus escritos, seriam indiscutíveis. (GRISONI, 1975, p. 1, apud LOMBARDI; MAGALHÃES; SANTOS, 2013, p.15)

Atualmente a leitura e a receptividade a Gramsci já possuem uma literatura própria, onde o vocabulário e a forma de escrever, de Gramsci, são constantemente visitados com o propósito de se compreender a profundidade de sua ideologia e sua interposição política. Contudo, para uma leitura fluida, desapegada de subjetividades, é fundamental que se entenda as circunstâncias da sua escrita, bem como os compromissos enredados nos conceitos de Gramsci.

Gramsci tinha uma forma bastante peculiar de escrita. Seu estilo de escrita desenvolveu-se pela necessidade de burlar os censores das prisões onde estava encarcerado.

Os manuscritos eram confiados a uma cunhada, uma refugiada russa que vivia em Roma, que os entregava a um outro líder comunista italiano exilado em Moscou durante a Segunda Guerra Mundial.

Por essa razão Gramsci se tornou um escritor quase ininteligível, principalmente no que tange à sua obra “Cadernos do Cárcere”, obra composta por 33 cadernos escolares, escritos durante o período entre 1926 e 1937.

Antes da década de 1960 não havia obras de Gramsci publicadas no Brasil. Apenas parte de sua obra “Cadernos do Cárcere” foi objeto da primeira tradução publicada, simultânea ao regime militar. Hoje a obra é encontrada na totalidade dos seus 6 volumes e trata basicamente sobre a quebra do conservadorismo.

Na época as ideias inovadoras não chamaram muito a atenção da minoria “pensadora” no país, tendo ganhado repercussão somente a partir da década seguinte, momento em que o país passa por grandes transformações político-ideológicas e também quando o seu modelo proposto de crise do regime autoritário passa a ser debatida mais explicitamente.

Gramsci passa, então, de desconhecido a modelo singular de grandes trabalhos nas mais diversas áreas, da educação à ciência política, da sociologia ao direito, passando também, consequentemente, pelas esferas da antropologia, ciências da religião, serviço social, dentre outras.

É neste momento em que é alcunhada a expressão *gramsciana*, uma forte corrente da prática investigativa sob uma perspectiva crítica e histórica dos processos sociais.

3. Perspectiva gramsciana na Educação

No que se refere à educação, a perspectiva *gramsciana*, não deixou menores marcas. Pelo contrário, o legado nesta área garantiu a visão da necessidade de uma educação que promovesse o desenvolvimento de cidadãos plenos, quando propõe que “tendência democrática de escola não pode consistir apenas em que um operário manual se torne qualificado, mas em que cada cidadão possa se tornar governante” (GRAMSCI, 1982, p. 137) e ainda que “todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectuais” (idem, p.7).

Estas reflexões nos levam a questionar e a repensar, ações amplamente propostas e divulgadas por Gramsci, presentes em todas as suas obras, a função social da escola, até então limitada à abordagem técnico-científica, modelo fruto de uma educação totalmente contrária às propostas da Antiguidade Clássica, período que se estende do século VIII a.C., aproximadamente, até à queda do Império Romano, no século V a.C.

Naquela época, os moldes de educação eram voltados à parte técnica, mas sem ser subjugada a reflexão, que, dentre outras áreas, era constantemente aliada às artes em geral, dado que garantia uma abordagem mais humanista na

época nas chamadas *scholē*, expressão grega que significa “lazer” ou, ainda, “onde o lazer é empregado” (CUNHA, 1986), ou seja, um local destinado não apenas à formação, mas, também e/ou sobretudo, à socialização.

Este pensador reformista que sempre se contrapôs à razão cínica, ou, ao que ele chamava de “miséria da razão”, sempre se mostrou inquieto e inconformado, provocando uma avalanche de questionamentos sobre o processo de massificação cultural passiva da sociedade italiana fascista que imperava sob fortes sinais de prosperar mundo afora:

A relação entre os intelectuais e o mundo da produção não é imediata, como é o caso nos grupos sociais fundamentais, mas é “mediatizada”, em diversos graus, por todo o contexto social, pelo conjunto das superestruturas, do qual os intelectuais são precisamente os “funcionários. (GRAMSCI, 1982, p, 10)

Esta postura, filosoficamente bastante à frente da sua época, nasceu da inadaptação ao modelo autoritarista e discriminatório das escolas onde sempre estudou. Este modelo pedagógico, mais tarde, foi fortemente influenciado pelas novas necessidades de formação de mão-de-obra para a recém instalada sociedade industrial, período que intransigiu a classe trabalhadora da época.

Ainda sob este aspecto, pouca referência havia de uma educação centrada no e a favor do aluno:

A escola é o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis. A complexidade da função intelectual nos vários Estados pode ser objetivamente medida pela quantidade das escolas especializadas e pela sua hierarquização: quanto mais extensa for a ‘área’ escolar e quanto mais numerosos forem os ‘graus’ ‘verticais’ da escola, tão mais complexo será o mundo cultural, a civilização, de um determinado Estado. (GRAMSCI, 1982, p, 9)

Ou seja, a escola, totalmente voltada ao trabalho e à geração de riqueza monetária cegou os ideais de riqueza cultural que acreditava, como pode se perceber em MONASTA (2010, p. 57):

As possibilidades de um país são dadas exatamente pela riqueza que ele produz e pelo modo como produz, não pelos palavreados de seus advogados e pelas mirabolantes invenções de seus gênios. O gênio é produto por demais bizarro e fora de todo planejamento para que dele se possa fazer um programa. Apenas o trabalho assíduo, a pequena competência, a difusão da cultura profissional, podem se tornar índices de bem-estar, diplomas de mérito histórico.

Ainda segundo Monasta (2010, p. 58):

A fábrica, lê-se, transformará a escola, dando-lhe sangue e espírito juvenil. Os jovens que andarão no meio operário, que serão

colocados em contato com uma vida menos artificiosa, menos mole e irresponsável do que aquela a que estão acostumados em suas famílias, se transformarão e sairá a geração que esperamos para renovar a vida italiana, tornando-a mais realisticamente suculenta.

Como Gramsci não sujeitou seu pensamento ao que, durante o regime fascista, era o que mais de moderno havia no tocante à função social da escola, ele caminhou, portanto, na via contrária às concepções contemporâneas a Mussolini, condenando, veementemente, qualquer sinal de letargia intelectual.

A tendência, hoje, é a de abolir qualquer tipo de escola “desinteressada” (não imediatamente interessada) e “formativa”, ou conservar delas tão-somente um reduzido exemplar destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em se preparar para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados. A crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimemente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual. Deste tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo. (GRAMSCI, 1982, p. 118)

E foi a partir desse pensamento que nasce o ideal da “escola única” de Gramsci, ambiente no qual era possível associar a produção intelectual à formação técnica, mas não estritamente funcional.

Esse novo pensamento propôs uma mudança na chamada “sociedade civil”, criando o tão dicotômico “senso comum” do povo, modo de pensar coletivo em detrimento do individual (neste contexto não apenas de pessoas ou indivíduos, mas, também de classes e estratos sociais divergentes).

Considerações finais

Ao realizar o estudo, pudemos perceber que Gramsci, ao propor a formação de intelectuais, propunha, nada mais, nada menos que contribuir para o desenvolvimento cultural de toda uma geração, uma vez que ele sempre afirmava que são aqueles que expressam, organizam, defendem os objetivos do grupo ao qual estão vinculados, que são os únicos pertencentes da classe de onde se originam.

Suas propostas são fundamentais nos aspectos econômicos e políticos da sociedade, principalmente quando consideramos que seu legado afirma que não somente a escola iria exercer a função pedagógica, mas também outras organizações seriam capazes de contribuir para a formação do intelectual do homem, maior objeto de seus questionamentos.

Apesar de atual, Gramsci continua influenciando pesquisadores e educadores no mundo, e, especificamente no Brasil, estudos recentes o faz ganhar nova roupagem ao ser associado e relacionado às inovações metodológicas e às novas abordagens de prática docente, partilhando o *status quo* de renomados educadores nacionais, como Paulo Freire, por exemplo, e sua pedagogia para a vida.

Referências

CUNHA, Antônio Geralda. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 2. ed.

GRAMSCI, Antonio, Os Intelectuais e a Organização da Cultura. **Coleção Perspectivas do Homem**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Impresso no Brasil 1982. v.48, 4. ed: Civilização Brasileira. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/antonio-gramsci-os-intelectuais-e-a-organizacao-da-cultura.pdf.html>. Acessado em 23/10/2016.

LEPRE, Aureliano, **O Prisioneiro**: A vida de Antonio Gramsci. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

MONASTA, Attilio. ANTONIO GRAMSCI. **Coleção Educadores**. Tradução Paolo Nosella. 2010. MEC. Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4660.pdf>. Acessado em 22/10/2016.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. Gramsci, a questão democrática e a esquerda no Brasil. In: COUTINHO, Carlos Nelson &. **Gramsci e a América Latina**. p.129-52.

LOMBARDI, José Claudinei; MAGALHÃES, Livia D. Rocha; SANTOS, Wilson da Silva (Org.). **Gramsci no limiar do século XXI**. Campinas: Librum, 2013.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **O historicismo gramsciano e a pesquisa em educação**. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/10325/9593>>. Acesso em: 19 maio 2018.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **Cultura e Formação Humana no Pensamento de Antonio Gramsci**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v25n1/v25n1a05.pdf>>. Acesso em: 22 maio 2018.

- Wendel Rodrigo de Almeida: CV. <http://lattes.cnpq.br/7275167022394775>

- Rosa Maria Ribeiro Bernini: CV. <http://lattes.cnpq.br/0066328985136351>

- Wesley Sebastião de Almeida: CV. <http://lattes.cnpq.br/1323348146174090>

- Winícius Pereira: CV. <http://lattes.cnpq.br/0224453420128706>

- Fábio Gonçalves de Deus: CV. <http://lattes.cnpq.br/151981948822549>